

Maria do Socorro: empoderamento e o direito à água

A vida de Maria do Socorro do Amaral não cabe em poucas linhas. Ela se constrói em camadas, como a própria terra do Semiárido: cheia de vida quando encontra água. Sentada no sofá de casa, olhando o movimento da filha que estava brincando com sua boneca, ela fala com firmeza, mas também com um certo espanto de quem ainda está entendendo a própria transformação.

“Antes dos 17 anos, eu era uma princesa”, ela diz, sorrindo de leve. A frase parece simples, mas carrega um mundo. Foi nessa idade que tudo mudou. O casamento veio cedo, como acontece com muitas mulheres do campo, e com ele vieram os filhos, o trabalho, as responsabilidades e uma rotina que não deixava espaço para descanso — nem para sonhos. Nesta mesma época, ela perdeu a mãe.

Socorro chegou à vida adulta sem muita escolha, aprendendo na prática o que era sustentar uma casa, cuidar de crianças e dar conta da roça. Com o tempo, vieram quatro filhos — três homens e uma menina — e com eles uma responsabilidade que nunca diminuiu. “Eu sempre fiz de tudo. Trabalhava, cuidava de casa, dos meninos, mas achava que não era capaz de muita coisa não. Eu achava que minha vida era só aquilo ali mesmo”, conta.

Durante anos, ela viveu assim: trabalhando muito, mas sem reconhecer o próprio valor. Sem autonomia financeira, sem espaço de decisão, carregando sozinha o peso de uma vida difícil. “Eu vivia muito calada, muito com medo. Achava que não podia falar, que não podia dizer o que eu pensava. Eu não me via como alguém que podia mudar alguma coisa.”

Foi nesse contexto que a associação comunitária apareceu como um primeiro espaço de abertura. Ainda jovem, ela entrou mais por necessidade — para garantir direitos, documentos, benefícios — do que por consciência política. Mas foi ali que começou a perceber que existiam outros caminhos.

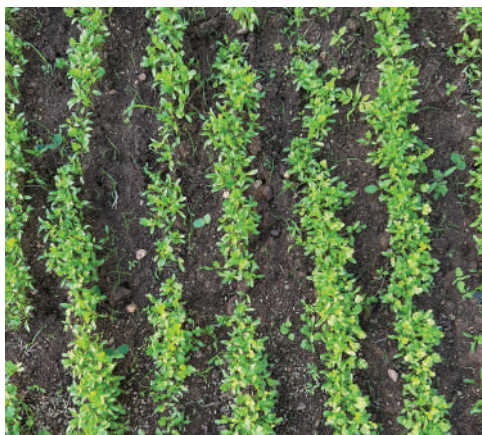
Anos depois, a chegada da Diaconia na comunidade de Juazeirinho marcou um novo começo. Através do Programa Uma Terra e Duas Águas (P1+2), da Articulação do Semiárido Brasileiro, Socorro passou a participar de reuniões, formações e encontros que, aos poucos, foram mexendo com algo muito maior do que ela esperava.



“Na primeira reunião que eu fui, parecia que estavam falando da minha vida todinha. Quando começaram a falar de mulher, de direito, de respeito, de violência... eu fui me vendo ali. Eu não aguentei, comecei a chorar. Era como se alguém estivesse abrindo minha cabeça, mostrando que eu não precisava viver daquele jeito”, lembra Maria do Socorro.

A fala dela ganha força quando ela continua, como se estivesse revivendo aquele momento:

“Ali eu entendi que eu podia ser mais. Que eu não precisava viver calada. Que eu tinha valor. Que eu podia trabalhar, ganhar meu dinheiro, cuidar da minha vida, sem depender de ninguém pra tudo. Foi ali que começou a mudar.”



Essa mudança não aconteceu de um dia para o outro. Foi um processo, feito de conversas, de escuta, de coragem e também de enfrentamento dentro de casa.

“Eu fui aprendendo a me posicionar, a conversar, a não aceitar mais certas coisas. Eu dizia: agora não é mais assim não. Agora vai ser diferente. E foi sendo. Hoje eu digo com toda certeza: eu sou outra pessoa.”

Se antes o medo era constante, hoje ela fala de tranquilidade. “Hoje eu durmo em paz. Antes eu não dormia. Eu vivia assustada, com medo de tudo. Hoje não. Hoje eu tenho coragem.” Mas a transformação de Socorro não ficou apenas dentro dela. Ela ganhou forma concreta no quintal.

Em 2024, chegou a cisterna de enxurrada do P1+2. E, com ela, uma mudança visível na paisagem e na vida. Antes disso, o cenário era limitado. “Aqui não tinha quase nada. Era só um roçadinho pequeno e umas palmas. Não tinha fruteira, não tinha horta, não tinha produção mesmo. A gente vivia com muito pouco.”

A água da cisterna mudou tudo. Com acesso garantido à água para produção, Socorro começou a plantar. E, quando viu, o quintal já era outro. Hoje, a diversidade impressiona. Bananeiras crescem ao lado de pés de goiaba, seriguela, laranja e graviola. Na horta, o verde se espalha em forma de coentro, pimentão, pimenta de cheiro, abobrinha, quiabo, macaxeira e outras culturas que garantem alimento fresco todos os dias. “Já colhi muita banana daqui, graças a Deus”, conta, com orgulho. E assim, o quintal virou fonte de vida. E não só para ela, com essa produção, Socorro alimenta cerca de dez pessoas — entre sua casa e a casa da sogra. “É muita gente, viu? E tudo sai daqui. O que a gente planta aqui ajuda a encher muita panela.”

Além das plantas, ela também investiu na criação de animais. Hoje, mantém um galinheiro com cerca de 25 galinhas, que garantem ovos, alimentação e também uma pequena renda. “Essas galinhas ajudam demais. A gente come, vende quando precisa, troca. É uma segurança. Antes eu não tinha isso não.”

Com o apoio do fomento do programa, ela conseguiu ainda instalar uma bomba em um poço que já existia na propriedade, ampliando ainda mais o acesso à água.

“Hoje eu tenho a cisterna e tenho o poço funcionando. A água não falta mais como faltava antes. Agora eu posso plantar, posso cuidar, posso produzir.”

Mesmo com tanta produção, ela ainda fala com humildade sobre a venda. “Eu vendo mais o coentro, às vezes abobrinha, pimenta... é pouco, mas já ajuda. O dinheiro que entra eu uso pros meninos, pra comprar um lanche, uma coisa da escola. Já faz diferença.”

Mas talvez o mais importante não seja o que ela vende — e sim o que ela conquistou.

“Hoje eu sei que sou capaz. Sei que posso trabalhar, produzir, sustentar minha família. Eu não dependo mais como dependia antes. Isso pra mim é tudo.”



A fala dela carrega uma forte consciência, construída na prática. Ela entende o que mudou — e por quê.



A história de Socorro mostra que o direito à água vai muito além do acesso ao recurso em si. Ele abre caminhos, fortalece as mulheres, gera autonomia e cria possibilidades. No quintal dela, cada planta conta uma parte dessa história. Cada galinha, cada fruto, cada canteiro é resultado de um processo que mistura luta, aprendizado e transformação.

No Semiárido, onde por muito tempo disseram que não dava para viver, Socorro prova o contrário todos os dias. Porque, quando o direito à água chega, o que nasce não é só produção. Nasce dignidade, autonomia e uma nova mulher.